

VII Conferência Internacional de TIC na Educação

AUTOBIOGRAFIA EM VIDEO: UM ESTUDO DE CASO COM ALUNOS DO 6.º ANO DE ESCOLARIDADE

Maria José Rodrigues da Cunha Ferreira
Universidade do Minho
mjcer.maria@gmail.com

Lia Raquel Moreira Oliveira
Universidade do Minho
lia@iep.uminho.pt

Resumo: A criação, por adolescentes, de pequenos filmes (audiovideografia), sobre si próprios e sobre o seu mundo, contribui para a construção e afirmação da sua identidade de forma positiva? Apresentamos um estudo de caso de natureza qualitativa durante o qual alunos usaram as tecnologias vídeo numa experiência de relato autobiográfico. Tivemos como objectivos: contribuir para uma consciencialização dos alunos relativamente à sua identidade, sensibilizando para as identidades alheias; motivar para uma vivência positiva da escolaridade, fomentando o desejo de aprender e o empenhamento; proporcionar uma aproximação à linguagem audiovisual; promover a cidadania.

Verificamos que a escola passou a ser, para estes jovens, um espaço mais agradável, gratificante e de aprendizagem auto-motivada e que se desencadeou um processo de reflexão que contribuiu para a construção/afirmação da identidade ajudando a ultrapassar dificuldades de aprendizagem ligadas a um baixo auto-conceito.

Palavras-chave: cinema educativo, identidade, educação para os media, interdisciplinaridade

Abstract: Does creation of short films (audiovideography) by teenagers, about themselves and about their world, contribute to the construction and affirmation of their identity in a positive way? A qualitative case study was designed where a group of students, from two classes of 6th grade, used video technologies on an experience of autobiographical report.

Our goal: contribute to an students' awareness regarding their identity and raising awareness of the identities of others; motivate students to a positive experience of schooling, fostering their desire to learn and their engagement in activities; provide an approximation of the languages used at the school to the languages used outside the school, promoting citizenship through the learning of audiovisual language.

We found that the school has become a more enjoyable, rewarding and self-motivated learning experience for these young people and that it triggered a thought process that contributed to the construction/affirmation of their identity by helping them to overcome learning difficulties related to low self-concept.

Key-words: educational cinema, identity, media for education, interdisciplinarity

1. Introdução

Os nossos alunos são hoje uma geração extremamente sensível, habituados a aprender através de todos os sentidos, impregnados de cultura mediática, principalmente a televisiva. Manifestam-se insatisfeitos quando deparam com uma escola ainda marcada por um ensino que pratica uma 'cultura' e um 'saber' excessivamente centrados no livro e no discurso verbal expositivo e magistral do professor.

Parece-nos urgente que se perceba a importância de construir um ensino ligado à vida social dos alunos - com recurso à Tecnologia Educativa - e que se aproxime dos seus interesses, permitindo-lhes uma integração plena na sala de aula, no processo educativo e na vida escolar.

Se ao aluno for permitido ter um papel activo, criativo, participativo, interactivo com o mundo circundante, a aprendizagem deverá tornar-se mais atraente, mais cativante e logo mais fluente. As tecnologias, se usadas no ensino de forma educativa, poderão contribuir para este investimento dos alunos no seu próprio, individual e único processo de aprendizagem.

No sentido de procurar uma resposta ao problema apresenta-se uma investigação no terreno usando como estratégia privilegiada - a audiovideografia enquanto meio de expressão. Pretende-se, deste modo, usar as actuais tecnologias self-media da audiovideografia como auxiliar de aprendizagem de modo a que os alunos passem de espectadores a produtores, desenvolvendo a sua autonomia e o sentido crítico. Ou seja, usar “o cinema criado pelos estudantes enquanto actividade de apreensão/compreensão e construção do mundo, dos outros e de si próprios” (Oliveira, 2008).

2. Problemática

A nova geração escolar procura na escola um espaço de aprendizagem com novas formas de comunicação. Estes alunos, habituados a aprender através de todos os sentidos, manifestam-se insatisfeitos perante uma escola que ainda não acompanha a evolução tecnológica a que a sociedade os habituou.

A nova geração de estudantes procura o conforto e comodidade, o quebrar da rotina nas aulas, o comando da máquina, a sede de acesso fácil e rápido à informação. Porquê então insistir em não falar a mesma linguagem e correr o risco de subaproveitar os meios que existem na escola e estão ao alcance de todos, deixando passar ao lado a oportunidade de cativar os alunos para a aquisição dos conteúdos programáticos de uma forma mais fluente e consistente?

Estamos numa era em que o professor já não é o detentor soberano do conhecimento e da palavra. A mudança é urgente no que diz respeito aos objectivos e aos métodos de ensino. A "Geração Net" (Oblinger e Oblinger, 2005) emerge de um ambiente interactivo e “conectivo” (Siemens, 2004). Não se trata de uma geração apenas ouvinte mas com sede de utilização, criação e cada vez mais comunicativa. Gerada no seio da era digital, está constantemente a interagir através da internet, telemóveis, televisão interactiva e todo o tipo de *gadgets* electrónicos, a nova versão dos designados “self media” cunhados por Jean Cloutier (1975, 2002).

A escola tradicional, que cultiva um ‘saber’ apenas promovido pela educação formal, ignora o facto de os seus alunos deterem, à partida, outros saberes, saberes informais adquiridos através do contacto com os media. Estes saberes que se completam devem, em nosso

entender, ser trabalhados em paralelo com os saberes escolares para que a aprendizagem seja mais social e cidadã.

Emerge aqui um novo educador que fomenta um ensino bilateral em que o aluno, como nativo-digital (Prensky, 2001), pode ensinar o professor e os colegas, reciprocamente, através dos seus pontos de vista e da partilha.

Ao encontro de uma linha de comunicação comum, deverão os professores tentar a utilização de novos meios de comunicação para chegar a uma pedagogia de maior participação activa dos alunos, rentabilizando assim o potencial que estes trazem de fora, no sentido de uma aprendizagem mais eficaz e completa.

Com o uso das tecnologias no ensino, podemos aumentar a motivação dos alunos, proporcionar-lhes maior liberdade nas actividades de aprendizagem e promover a auto-regulação. No termo auto-regulação da aprendizagem, o prefixo 'auto' acentua o papel investido do sujeito no seu processo de aprendizagem – descreve aprendizagens que envolvem agência, trabalho autónomo, motivação intrínseca e estratégias de acção (Boekarts e Corno, 2005; Dembo e Eaton, 2000; Rosário, 2004b; Zimmerman, 2002).

Partilhamos, com Geneviève Jacquinot (1998) que a ideia de um aluno activo, no centro da aprendizagem, uma aprendizagem pelo fazer como construção de significados, pode constituir um passo importante na aquisição e consolidação dos conteúdos programáticos. Não esquecendo de realçar a dimensão colaborativa da aprendizagem, o que reflecte uma aprendizagem mais socialmente integrada.

Segundo José Moran (2001), o aluno saindo de uma posição passiva é incentivado a pesquisar, mudando de atitude, mostra-se mais motivado e estando mais motivado consegue trabalhos mais criativos, aprendendo mais. Quer ver resultados, por isso, é importante que apresente as suas pesquisas, que crie espaços onde colocar os seus trabalhos. Também têm de falar em público, produzir coisas. Este autor defende ainda que a comunicação é facilitada dentro de um processo afectivo. Para além de que a arte de escutar, questionar e criticar também são competências importantes que devem ser aprendidas na escola, competências que fazem um indivíduo mais aberto à aprendizagem. Quem não escuta não pode questionar e não desenvolve um espírito crítico e assim sendo não pode evoluir. Estimular a arte da dúvida leva ao conhecimento porque quem deixa de perguntar deixa de aprender.

3. Questões e objectivos

Em “Os sete saberes necessários à educação do futuro”, Edgar Morin (2003) refere um aspecto importante que falha nos programas de instrução. O aspecto da identidade humana. Não podemos ignorar que fazemos parte de uma sociedade que se nos impõe desde que nascemos, em cultura e em valores.

Os nossos alunos não fogem à regra mas também não podemos esquecer que estes jovens, apesar de adoptarem valores, perspectivas e modelos de comportamento têm também uma evolução paralela, singular, que brota da sua individualidade. Esta particularidade permite-lhes serem ao mesmo tempo receptores e observadores críticos.

Na escola, o aluno, não deixa de ser um indivíduo social, que ouve, assimila, digere e expõe a sua opinião pessoal, quer seja em relação às matérias leccionadas pelo professor ou nas relações com os colegas. É necessário que se lhe dê o espaço para que tal aconteça e possa crescer como um ser humano provido de singularidade no seio da sociedade.

Neste estudo quisemos dar ao aluno a oportunidade de se conhecer melhor através da descoberta da sua identidade e da identidade alheia, tomando consciência da diferença e criando situações de confronto com outras realidades de vida, podendo reflectir criticamente e livremente sobre elas. Ao fazerem a sua autobiografia e ao verem a sua “vida” no ecrã estes alunos concluíram que herdaram valores, características individuais, aspectos culturais, aptidões, influências dos seus familiares e da comunidade com quem viveram até à data mas também particularidades e vontades próprias que os distinguem daqueles com quem vivem e convivem.

Ao realizar um pequeno filme sobre si, o aluno dá a ver a sua realidade, a realidade que construiu (Oliveira, 2009), passo a passo analisa o seu passado, reflecte no filme as suas marcas identitárias, constrói a sua aprendizagem e, como espectador, forma-se crítico e monitoriza a sua evolução. Nesta linha, a acção de realização audiovisual leva o aluno à desconstrução do seu passado, na medida em que analisa, desde o seu nascimento, os momentos vividos e que o marcaram positivamente e/ou negativamente.

Numa forma de *cinema na 1ª pessoa*, o estudante reflecte sobre a sua realidade pessoal, estuda-se a si próprio, constrói uma visão particular que pode ser alterada ao visualizar os registos, atitudes e acções dos outros colegas. Esta troca, ajuda na construção da sua própria identidade e na compreensão da realidade de cada um.

Sabendo que a nossa realidade predominante é a da vida quotidiana, esta influencia na forma como cada um se vê e vê o outro. Ao aperceber-se da realidade quotidiana de cada colega nas suas audiovisografias, o aluno reformula a sua maneira de pensar e de agir, perante os outros e perante si mesmo. É uma forma de, na comparação, provocar a reflexão e, posteriormente, a reformulação da sua personalidade.

Todo o trabalho desta investigação assenta numa base de relação com os outros. Ninguém tem uma história de vida isenta de relações humanas e este trabalho pretendeu, em parte, analisar e provocar uma análise dessas relações passando pela constatação de factos que levaram à reflexão auto e heterocrítica facilitando o relacionamento humano e o bem-estar pessoal.

Nestes pressupostos, colocamos a seguinte questão: A criação, por adolescentes, de pequenos filmes (audiovideografia), sobre si próprios e sobre o seu mundo, contribui para a construção e afirmação da sua identidade de forma positiva?

Entendendo a consciência e afirmação da identidade como um factor positivo, ou seja, de impulsionador da auto-estima e do bem-estar pessoal (saber-ser), colocamos a hipótese de que tal conduza a um estado de predisposição e motivação para a aprendizagem e para vivências gratificantes da escolaridade.

Assim, tivemos como objectivos - contribuir para uma consciência crítica dos alunos relativamente à sua identidade, sensibilizando, simultaneamente, para as identidades alheias; motivar os alunos para uma vivência positiva da escolaridade, fomentando o seu desejo de aprender e o seu empenhamento nas actividades; proporcionar uma aproximação das linguagens usadas na escola às linguagens usadas fora da escola; promover a cidadania, através da aprendizagem da linguagem audiovisual, associando, assim, uma educação para os media a uma educação com os media e, por fim, proporcionar o desenvolvimento de destrezas informáticas off-line e on-line.

Este estudo visou, em parte, um contributo na transformação de uma escola num centro de aprendizagem da comunicação, preocupada não com a simples transmissão de conhecimentos, mas com o enriquecimento das experiências comunicacionais de todo o tipo. Uma apropriação de ferramentas tecnológicas por parte da escola do sistema educativo de forma a permitir uma construção da aprendizagem na linguagem, verdadeiramente sentida, dos jovens/alunos de hoje, poderá fazer a diferença no que diz respeito a uma aprendizagem mais gratificante e auto-motivada.

Criar pequenos vídeos autobiográficos com os alunos no sentido de verificar até que ponto este processo de reflexão autobiográfica contribui para a construção e afirmação da sua identidade, ajudando a ultrapassar dificuldades de aprendizagem ligadas a um baixo auto-conceito.

Acreditamos que, no rasto de uma aprendizagem construída em alicerces de motivação e vontade própria, está um indivíduo com um bom auto-conceito e auto-estima, um aluno que vê a aprendizagem como um processo agradável e do qual se sente seguro com a auto-regulação neste processo. Uma aprendizagem construída nesta base parece-nos uma aprendizagem mais consistente e gratificante.

4. Metodologia

A opção metodológica para esta investigação é o estudo de caso de observação (Bogdan e Biklen, 1994), partindo do princípio que foi feita uma análise em contexto real e observado, detalhadamente, o comportamento de um grupo de alunos usando a tecnologia do vídeo

(audiovideografia) para chegar a uma auto-regulação da aprendizagem através de uma experiência de “cinema na 1ª pessoa”(Oliveira, 2008).

Através do método de resolução de problemas (baseado nas seguintes fases: Situação/Problema/Necessidade; Enunciado; Investigação; Planificação/Projecto; Realização e Avaliação) e do método de projecto (Kilpatrick, 2007), implementados de forma colaborativa (vertente de interacção social), é possível conseguir um ensino no qual o aluno pode ser o verdadeiro e grande sujeito da sua própria aprendizagem.

O tema, trabalhado nas Áreas Curriculares Não Disciplinares de Área de Projecto e Formação Cívica, focou essencialmente a identidade (uma experiência na primeira pessoa) e o método de trabalho incidiu no processo de auto-regulação para a construção de um registo auto-biográfico em audiovisual digital.

Os alunos começaram por procurar junto dos seus familiares toda a informação necessária e possível sobre a sua vida, assim como, na sua memória, recordações de infância que os tivessem marcado positiva ou negativamente. De seguida organizaram cronologicamente toda a informação conseguida, para poderem redigir as suas autobiografias. De toda esta primeira retrospectiva os alunos passaram por uma fase de introspecção que os levou a um auto-conhecimento e consciencialização da sua realidade social. Ao mesmo tempo, através da exposição voluntária em turma dos seus argumentos auto-biográficos, os alunos ficaram sensibilizados para a identidade alheia e críticos à sua própria identidade.

Com o argumento em mão passaram a construir um guião para a realização do seu vídeo-grama auto-biográfico.

Aproveitando o facto de o vídeo estar associado à televisão e a um contexto de lazer e entretenimento, transportou-se para a sala de aula essa expectativa positiva para atrair o aluno para os assuntos do nosso planeamento pedagógico mas, ao mesmo tempo, esteve-se atento estabelecendo novas pontes entre as actividades relacionadas com o vídeo e as outras dinâmicas da aula.

Todos sabemos que o cinema é considerado uma forma artística e como tal pode auxiliar em termos formativos, mobilizando a expressão e comunicação pessoal, intensificando a relação do indivíduo consigo próprio e com os outros, relacionando valores individuais com os da sociedade, explorando a riqueza comunicativa que a imagem pode ter, provocando uma ampliação da percepção do que nos rodeia na descodificação de sons, gestos, movimentos e formas.

Muitas vezes, na sala de aula deparamo-nos com aqueles alunos que se revelam mais abertos, mais comunicativos, que dominam melhor determinados assuntos. Estes alunos, segundo António Moderno (1992), são aqueles que frequentam a televisão, o cinema e lêem mais jornais.

A prática da arte cinematográfica “desenvolve competências fundamentais (conceptuais e instrumentais) no âmbito das novas literacias e permite, simultaneamente, uma pedagogia

crítica” (Oliveira, 2008). Neste sentido pretendeu-se colocar o aluno na posição de criador e realizador de um pequeno filme autobiográfico.

Como grande parte das investigações na área da educação, também esta é uma investigação de natureza qualitativa onde o investigador está directamente inserido no ambiente natural onde decorrem as situações em estudo. As acções foram observadas no seu ambiente habitual de ocorrência (sala de aula), foram registados os momentos evolutivos do percurso da investigação, *in loco*, por forma a perceber as questões mais importantes do desenvolvimento da questão principal.

Com este trabalho, próximo da actividade designada por vídeo-processo¹ os alunos, perante um tema (autobiografia), planificaram todo o caminho a percorrer para a construção de um pequeno filme sobre si próprios. Passaram pelo processo de construção dos guiões, sinopse e argumento (relato autobiográfico), storyboard, montagem do filme num software de edição digital e, por fim, visualizando o resultado final, fizeram uma avaliação crítica do produto e do processo.

Ao longo do processo foram observadas, e registadas em diário, atitudes, interesses, motivação, autonomia, interacção, colaboração no trabalho, capacidades de destreza e de auto-regulação, dinamismo e capacidade comunicativa dos alunos da turma.

Este estudo teve o propósito de explorar, descrever e avaliar a transformação ocorrida no grupo de alunos em estudo para concluir acerca do nível de motivação destes pela aprendizagem e rendimento escolar assim como o contributo deste meio audiovisual na construção de identidades.

Constituirá, em parte e também, um estudo de caso de tipo *instrumental*, na proposta de Stake (1995, citado por Coutinho, 2005), por funcionar como instrumento de compreensão para outros fenómenos, neste caso a influência do uso de uma dada tecnologia (audiovideografia) no grau de motivação dos alunos assim como a relação deste método com o desenvolvimento da auto-regulação da aprendizagem e construção de identidades.

Os videogramas produzidos foram objecto de análise de conteúdo mediante o uso de grelhas construídas para o efeito, tendo em vista afinar a compreensão da afirmação da identidade nos produtos finais.

4.1 Participantes e enquadramento curricular

¹ O vídeo-processo, também denominado por Moran (1993) de “vídeo como produção”, é uma modalidade em que a câmara de vídeo proporciona uma aprendizagem em que os alunos são os criadores, participam activamente do processo, ou seja, o vídeo é produzido pelos alunos, para posterior análise das actividades.

Este trabalho de investigação foi desenvolvido numa Escola E.B. 2/3 do concelho de Braga, com alunos de duas turmas do 6º ano de escolaridade, de idades compreendidas entre os onze e treze anos, vinte e seis do sexo feminino e vinte e um do sexo masculino.

Perante um tema aglutinador (auto-biografia), os alunos foram orientados, nas aulas de Formação Cívica, num trabalho de pesquisa sobre a sua identidade, características pessoais e origens, usando o método de resolução de problemas e estimulando o processo de auto-regulação da aprendizagem.

Em interdisciplinaridade, foram realizados na disciplina de Língua Portuguesa, pequenos textos autobiográficos, com frases simples e concisas.

Nas aulas de Área de Projecto, os alunos produziram um videograma do tipo documental na 1ª pessoa, exigindo-se uma preparação, análise, planificação e transferência de ideias.

Na disciplina de Educação Musical fizeram o estudo da importância da banda sonora nos filmes e prepararam-se para a selecção do som a colocar nos seus videogramas.

Na disciplina de Educação Visual e Tecnológica foram realizados desenhos em sequências fragmentadas, em forma de storyboard, por forma a desenvolver e planificar todo o trabalho que seria feito posteriormente em vídeo.

Por fim foram visionados os audiovideogramas, debatidos e avaliados pelo grupo-turma.

5. Resultados

O objectivo deste estudo consistia em averiguar a relação entre o meio tecnológico utilizado (vídeo) para a concretização prática do trabalho e o grau de motivação na realização do mesmo e também a influência do tema (autobiografia) no processo de reflexão autocrítica e construção e afirmação da identidade. Aferiu-se ainda a possível relação entre o tipo de trabalho, o tema e a evolução do rendimento ultrapassando dificuldades relacionadas com o baixo auto-conceito.

Aos alunos permitiu-se-lhes serem verdadeiros sujeitos da sua própria aprendizagem, no fundo, a assumirem o comando de um trabalho que os ajudaria a ultrapassar algumas das barreiras pessoais de personalidade e identidade, auto-conceito e auto-confiança.

Uma das turmas integrava alunos de um extracto social baixo, oriundos de famílias humildes em que os encarregados de educação têm inferiores habilitações literárias. Na outra turma, pelo contrário, os alunos (a maioria) vivem uma realidade económica bem mais favorecida e os encarregados de educação têm superiores habilitações literárias o que se reflecte no nível de conhecimentos dos alunos e na facilidade com que têm acesso e lidam com as novas tecnologias e projectos inovadores. Estes últimos podem, na sua maioria, contar com o apoio dos encarregados de educação na realização das tarefas relacionadas com a escola. No entanto, as maiores afirmações ao nível do produto final e até no aspecto da evolução

motivacional deu-se na turma com origens mais humildes e, curiosamente, na turma onde se verificavam maiores dificuldades de aprendizagem, já que, 12 alunos desta turma já repetiram pelo menos um ano de escolaridade.

Outra diferença entre turmas foi o facto da turma que vive uma realidade económica mais confortável ter-se revelado mais individualista enquanto a outra turma ter-se mostrado mais coesa, unida e colaborativa. Ambas as turmas revelaram uma evolução positiva na aceitação do outro após a apresentação dos trabalhos individuais.

No início deste projecto os alunos mostraram algum receio, o tema era novo, o meio a utilizar também e depararam-se com um trabalho ambicioso em que lhes era pedido a aprendizagem e aquisição de conhecimentos transversais relacionados com diferentes campos.

Com o desenvolvimento em interdisciplinaridade os alunos começaram a perceber que faseando o trabalho e trabalhando com as novas tecnologias o projecto foi correndo e a aprendizagem foi sendo feita de forma natural e com bastante interesse.

Todos os vídeos foram sendo apresentados pelos alunos durante algumas aulas o que permitiu a visualização da maior parte dos trabalhos pelos colegas da turma que fizeram observações e críticas construtivas em relação à construção do próprio vídeo. Outro aspecto importante foi a reacção dos alunos conforme iam ouvindo e vendo as diferentes histórias de vida dos colegas apercebendo-se das diferenças, aspectos positivos e menos positivos de cada um. Verificou-se com esta “exposição pública” dos trabalhos uma maior aceitação de si próprio e respeito pelo outro, apesar de alguns alunos não terem muito bem a consciência disso.

O meio social, cultural, familiar e conhecimentos prévios, influenciaram o desenvolvimento do projecto: os alunos do um extracto social mais baixo revelaram melhores progressos (auto-conceito e auto-estima).

6. Conclusões

Pode-se concluir que os alunos com maiores problemas de auto-conceito, auto-estima e desmotivação conseguiram ultrapassar alguns obstáculos mostrando, no final do projecto e já na fase de avaliação, uma postura mais confiante, falando da sua vida, experiências e família com um certo orgulho aceitando também os factores que os distinguem dos outros colegas da mesma turma. O tema, portanto, ajudou na evolução positiva ao nível da afirmação, motivação, auto-conceito, auto-estima e confiança dos alunos.

A exposição de todos também ajudou na percepção da existência de diferentes identidades, na aceitação e no melhor relacionamento com os outros, contribuiu para uma consciência crítica relativamente à própria identidade e à identidade alheia, assim como uma evolução positiva na expressão oral (fluidez e desinibição).

Na turma dos alunos com melhores condições sócio-económicas, estes mostraram-se mais autónomos e mais seguros. No entanto, alguns alunos quiseram inicialmente mostrar uma

realidade de vida que não existe, no sentido de se igualarem à maioria dos colegas do grupo turma. Com o desenrolar do projecto esses alunos ganharam alguma aceitação da diferença e realizaram filmes com criatividade e motivação, reveladores de autenticidade.

Verificamos em ambas as turmas, um aumento da autonomia destes alunos e uma melhor auto-regulação da sua aprendizagem.

A comunicação audiovisual e o uso das tecnologias informáticas de rede são, à partida, potenciais transformadores da identidade dos jovens. Um exemplo é a enorme projecção que tem o YouTube. A inesquecível atracção que o audiovisual tem sobre as crianças e jovens, bem como a facilidade com que estes exploram a tecnologia informática influenciam a forma como se vêem, como querem ser vistos, como vêm os outros enfim como se identificam perante a sociedade dos seus relacionamentos. No questionário de opinião preenchido no final do projecto cerca de 68% dos alunos gostariam de ver no Youtube os filmes da sua autoria e a razão principal apontada seria para que os outros pudessem ver o seu trabalho e dar a sua opinião.

Os receios que alguns alunos apontavam inicialmente deram lugar à vontade de realização de novos projectos usando os meios tecnológicos explorados nestes trabalhos audiovideográficos.

Por tudo isto, revela-se urgente uma apropriação destas ferramentas por parte da escola do sistema educativo por forma a permitir uma construção da aprendizagem na linguagem, verdadeiramente sentida, dos jovens/alunos de hoje.

Verificamos que a escola passou a ser para estes jovens, participantes neste estudo, um espaço mais agradável, gratificante e de aprendizagem auto-motivada.

Esperamos ter contribuído para uma escola transformada num centro de aprendizagem da comunicação, preocupada não com a simples transmissão de conhecimentos, mas com o enriquecimento das experiências comunicacionais de todo o tipo.

Referências

Apple, Mickael W. (1997) *Os Professores e o Currículo. Abordagens Sociológicas*. Lisboa: Educa.

Ambròs, A. & Breu, R (2007). *Cine y educación: el cine en el aula de primaria y secundaria*. Barcelona: Editorial GRAÓ.

Berger, P. L. & Luckmann T. (1999). *A construção social da realidade*. Lisboa: Dinalivro.

VII Conferência Internacional de TIC na Educação

Boekaerts, M. & Corno, L. (2005). *Self regulation in the classroom: A perspective on assessment and intervention*. Applied Psychology: an international review, 54 (82), 199-231.

Bogdan, R. e Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

Borderie, R. (1997). *Education à l'image et aux medias*. Paris: Nalhan

Cloutier, J. (1975). *A Era de Emerec ou a Comunicação Audio-scripto-visual na hora dos self-media*. Lisboa: ITE /MEIC.

Coutinho, C. (2005). *Percursos da Investigação em Tecnologia Educativa em Portugal: uma abordagem temática e metodológica a publicações científicas (1985-2000)*. Braga: Universidade do Minho.

Dembo, M. H., & Eaton, M. J. (2000). *Self-Regulation of Academic Learning in Middle-Level Schools*. Elementary School Journal, 5, 473-490.

Erikson, E. H. (1976). *Identidade juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

Ferrés, J. & Bartolomé Pina A. (1991). *El vídeo: enseñar vídeo, enseñar com el vídeo*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

Ferrés, J. (1996) *Vídeo e Educação*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas.

Gay, P. & Evans, J. & Redman P. (2007). *Identity: a reader*. London: SAGE Publications.

Gómez, J. I. A., (1993). *Comunicación audiovisual: en una enseñanza renovada. Propuestas desde los medios*. Grupo Pedagógico Andaluz "Prensa y Educación".

Gutiérrez, L. (1978) *Narrativa Fílmica. Teoría y técnica del guión cinematográfico*. Madrid: Ediciones Pirámide, S.A.

Gauntlett, D. (1997). *Vídeo Critical: Children, the Environment and Media Power*. John Libbey Media, Luton

Jacquinet-Delaunay, G. (1998) *Du cinéma éducateur aux plisirs interactifs: rives et dérives cognitives*. In Beau-Dubois-Le Blanc (Ss Dir.) *Cinéma et Dernières Technologies*. Bry-Sur-Marne: INA/De Boeck.

Jacquinet-Delaunay, G. (1985) *L'Ecole Devant les Ecrans*. Paris: Ed. ESF

Kilpatrick, W. (2007). *O Método de Projecto*. Mangualde: Edições Pedagogo.

Moderno, A. (1992). *A Comunicação Audiovisual no Processo Didático: no Ensino, na Formação Profissional*. Aveiro: Universidade de Aveiro, Ed. Autor.

VII Conferência Internacional de TIC na Educação

Moran, José Manuel (1993). *Leituras dos Meios de Comunicação*. São Paulo, Ed. Pancast.

Morin, E. (2000). *Les Sept Savoirs Nécessaires à L'Education du Futur*. Paris: Editions du Seuil (©Unesco 1999).

Oblinger, D. G. & Oblinger, J. L. (Eds.) (2005). *Educating the Net Generation*. Educause. e-Book. Acedido em Janeiro 17, 2009, de <http://www.educause.edu/educatingthenetgen/>.

Oliveira, L. R. (2008). Cinema educativo e construção de identidades. Comunicação apresentada na Conferência IVSA 2008, Buenos Aires, Argentina em Agosto de 2008 (documento digital reservado)

Prensky, M. (2001 October 2001). Digital Natives, Digital Immigrants. *On the Horizon*. Vol.9, no.5.. Acedido em Janeiro 17, 2009 de <http://www.marcprensky.com/writing/>

Rosário, P.; Núñez, J.; Pienda, J. (2007) *Auto-regulação em crianças sub-10: Projecto Sarilhos do Amarelo*. Porto: Porto Editora.

Siemens, G. (2004). Connectivism: A Learning Theory for the Digital Age. Acedido em Janeiro 17, 2009, de <http://www.elearnspace.org/Articles/connectivism.htm>

Zimmerman, B. J. (2002). Becoming a self-regulated learner: An overview. *Theory into practice*, 41 (2), 64-70.

Nota: este trabalho foi desenvolvido no âmbito do CIEd-Centro de Investigação em Educação.